

Apresentação

Currículo: uma experiência de alteridade

DOI: 10.5965/1984723827642026005

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723827642026005>

Rita de Cássia Prazeres Frangella

Thiago Ranniery

Organizadores do Dossiê

Por que alteridade?

A proposição desse dossiê se move em torno das inquietações que têm mobilizado nossas pesquisas no campo do currículo. A partir de problemáticas distintas¹, temos nos enredado na discussão acerca da diferença, do outro, da indecidibilidade.

Temos posto em questão a marca que predomina nas políticas curriculares contemporâneas: são da ordem do mesmo, sonham com fechamento e com mesmidade que expurgam a diferença; são regidas por uma lógica binária e excludente que

¹ As pesquisas desenvolvidas por nós têm diferentes ênfases: Thiago Ranniery vem se dedicando a pesquisas no campo do currículo que se voltam para os estudos *queer* pós-coloniais e decoloniais e suas interfaces com estudos multiespécies, estudos da performance e da performatividade e teoria do afeto. Rita de Cássia Frangella volta para a discussão de políticas curriculares para infância, alfabetização e formação de professores dessas etapas da educação básica.

estabelece o eu e outro, sendo esse último posto em relação a um centro posto referência, a uma identidade.

Com e como Jacques Derrida, investimos numa leitura desconstrutiva que faz tremer as ideias de essência, centramento, identidade. Temos defendido, de diferentes modos, o currículo como abertura, rastro, da ordem do imprevisível e incalculável no seu encontro com o outro. Daí o chamado à alteridade, “uma diferencialidade radical que ultrapassa a mera diferença entre identidades previamente constituídas, que vai muito além da diferença entre um ‘eu’ e os ‘outros’” (Bogéa, 2025, p. 7).

Trata-se da alteridade como o encontro com o absolutamente outro, não essência, imprevisível, uma singularidade que não é passível de ser esquadrinhada por antecipações fundada em descrições, regras. Por isso associamos a ideia da alteridade como experiência, seguindo Derrida (2010) quando diz que a experiência é uma travessia, a experiência do impossível que se torna condição de possibilidade, que se ocorre na decisão na indecidibilidade, travessia, enfim, pelo que não é calculado aprioristicamente, mas se dá no acontecimento desse outro que chega sem avisar, sem antecipar, que desestabiliza a pretensão de certeza e conhecimento porque expõe o não saber, o não reconhecimento, uma diferencialidade absoluta e irreduzível, que sempre escapa e vaza.

A composição dos oito artigos, aqui reunidos, segue esse movimento a partir do trabalho de pesquisadores em currículo que buscaram levar a sério o convite para pensar o currículo como uma experiência de alteridade. Logo na abertura, Mikaela Cavalcante e Érika Cunha, em *A experiência como desconstrução na e da política curricular de Língua Inglesa em Mato Grosso*, partem de um cruzamento entre entrevistas com professoras da Secretaria de Estado de Mato Grosso (Seduc-MT) e documentos curriculares de Mato Grosso, em especial o “Mais Inglês no âmbito da Política Pública de Línguas Estrangeiras - Educação 10 anos” do estado de Mato Grosso, com o desejo de realçar o diferir na iteração significativa da textualidade da política e, assim, expor como a linearidade fracassa em bloquear o currículo como experiência de alteridade.

Por falar em experiência radical da alteridade e fracasso de textos políticos, *Tudo roído por baixo, tudo ruído por dentro*, de Thiago Ranniery e Elizabeth Macedo, parte de

experiências de escolas que desapareceram após eventos extremos em zonas de extrativismo em diferentes regiões do país, a fim de abrir espaço para a entrada da estranha materialidade da terra na política curricular. Combinando uma leitura duplamente transversal de teoria *queer* com teoria do discurso, os autores interrogam sentidos de vida, animação e política e expõem a conversa íntima e complicada com a alteridade radical da terra como uma questão crucial do nosso tempo das catástrofes.

A teoria do discurso de Ernesto Laclau e a desconstrução de Jacques Derrida também são o enquadramento de partida de Gustavo Gilson Oliveira e Anna Luzia Oliveira em *A diferença na Teoria Política do Discurso e o currículo como experiência de alteridade*. Aqui, os autores retomam pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Discurso, Subjetividade e Educação (DSE) por eles liderados na Universidade Federal de Pernambuco, evidenciando como a alteridade retorna no currículo sob a forma de deslocamentos e acontecimentos que desafiam sua gestão normativa.

Nesta direção de pensar sobre as heranças de um campo de pesquisa no qual o pós-estruturalismo deixou uma marca indelével e os rastros de pesquisas que a constituíram como pesquisadora em currículo, Rita Franguella, em *Entre rastros/heranças: enunciação, hibridismo, alteridades e suas reverberações no pensamento curricular* não somente retoma as reverberações de ideias-forças como enunciação, hibridismo, diferença e alteridade que, uma vez, ganharam potência na pesquisa curricular a partir da virada cultural, mas o faz a partir de uma leitura derridiana das obras de Bhabha e Bakhtin.

Os quase-conceitos de Derrida, como certa vez chamou seu próprio léxico, fornecem o quadro a partir do qual Lucinalva Almeida e Ana Priscila Azevedo, em *“Quem sobe nos ares não fica no chão, quem fica no chão não sobe nos ares”*: o currículo habitado pela indecidibilidade e pela alteridade, registram os desafios teórico-metodológicos de trabalhar a partir da perspectiva *différance* no campo do currículo. Entre os três artigos, é notável um movimento instigante de perceber a constituição de uma agenda da pesquisa que vem recusando universalismos abstratos e sentidos fixos, ao mesmo tempo, que se registram as tensões e deslocamentos epistemológicos vividos e promovidos pelas

inflexões pós-estruturais no campo curricular com uma atenção ética e política à alteridade.

No bloco final de textos, o enquadramento derridiano é extrapolado a partir de diferentes linhas de força através das quais, por variados caminhos teóricos, as autoras buscam pensar processos de criação curricular. Sob uma perspectiva transnacional, *Movimentos de Alteridade e Currículo da Diferença*, de Marlucy Alves Paraíso e Maria Dolores Molina Galvão, cruzam histórias de professoras no Brasil e na Espanha. Afastando-se de certa tradição denunciata que aponta para como a diferença seguiria não representada nos currículos, as autoras servem-se de formulações de Gilles Deleuze, outro nome da filosofia da diferença, para abordar os modos múltiplos como docentes do ensino fundamental lidam com a alteridade e, assim, praticam o que passam a chamar de *um currículo que faz a diferença*.

Em *Pulsión criativa del currículum vívido desde la alteridade*, Carmen Glória Burgos Videla, promove, por sua vez, uma combinação de teoria do discurso com a perspectiva filosófica de Enrique Dussel, na esperança de demonstrar como a criação pedagógica é uma dinâmica relacional que emerge desde/na alteridade. Por fim, *Macabéa: projetos curriculares de vida e morte*, de Iris Verena Oliveira, realiza um experimento de pensamento com dados educacionais e literatura negra para enfrentar o desafio de ler os os impactos do genocídio da juventude negra nas salas de aula, mas sem com isso encarcerar a produção curricular dentro do que a autora nomeia de cativeiro estatístico.

Há também uma resenha de autoria de Lhays Marinho da Conceição Ferreira sobre o livro lançado em 2025 por Alice Casimiro Lopes, *Por um currículo sem fundamentos* (Cortez Editora) que reúne os principais desdobramentos teóricos de uma década de pesquisas sobre políticas de currículo. Ferreira destaca a contribuição original da obra para abordar as políticas curriculares a partir de uma perspectiva que valoriza a contingência, a tradução e a disputa política, defendendo que o currículo é processo aberto e permanentemente reinterpretado nas práticas educativas. Sob o título provocativo de Lopes, reside uma recusa aos princípios fixos que pretendem determinar de forma definitiva os sentidos da educação e do currículo.

Por fim, o dossiê se encerra com uma entrevista inédita de Stefano Harney, professor da Academy of Media Arts, em Cologne (Alemanha), e professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Conhecido no Brasil por traduções de sua obra em parceria com Fred Moten, *Sobcomuns: planejamento fugitivo e estudo negro* (Editora Ubu) e *Tudo incompleto* (Glac Edições), a conversa aborda os conceitos centrais desses livros e suas conexões com questões contemporâneas da América do Sul e Caribe. A entrevista percorre temas como as estéticas negras nas periferias urbanas, o fenômeno da extrema-direita, a violência de gênero, a condição transnacional de jovens pesquisadores e os paradoxos da universidade contemporânea diante das políticas de ação afirmativa. Harney situa seu pensamento na tradição internacionalista do Pensamento Negro Radical, estabelecendo diálogos com Beatriz Nascimento, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Denise Ferreira da Silva, entre outros. A entrevista propõe um exercício de pensamento que recusa respostas definitivas para afirmar a potência do Estudo como prática social incessante e coletiva que antecede e excede as instituições.

Referências

ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde de; AZEVÊDO, Ana Priscila de Lima Araújo. A formação de professores na Região Norte: a atuação dos grupos de pesquisa cadastrados no CNPq. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 27, n. 64, p. 127-144, maio/ago. 2026.

BOGÉA, Diogo. Desconstrução e Psicanálise – estranha familiaridade. **Veritas**, v. 70, n. 1, p. 1-18, jan.-dez. 2025.

CAVALCANTE, Mikaela de Abreu; CUNHA, Érika Virgílio Rodrigues da. A experiência como desconstrução na e da política curricular de Língua Inglesa em Mato Grosso. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 27, n. 64, p. 11-37, maio/ago. 2026.

DERRIDA, Jacques. **Força de lei: o fundamento místico da autoridade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FERREIRA, Lhays Marinho da Conceição. Resenha do livro “Por um currículo sem fundamentos”. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 27, n. 64, p. 453-458, maio/ago. 2026.

FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Entre rastros/heranças: enunciação, hibridismo, alteridade e suas reverberações no pensamento curricular. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 27, n. 64, p. 103-126, maio/ago. 2026.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson; OLIVEIRA, Anna Luiza. A diferença na Teoria Política do Discurso e o currículo como experiência de alteridade. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 27, n. 64, p. 67-102, maio/ago. 2026.

OLIVEIRA, Iris Verena. Macabéa: projetos curriculares de vida e morte. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 27, n. 64, p. 194-217, maio/ago. 2026.

PARAÍSO, Marlucy Alves; GALVÃN, Maria Dolores Molina. Movimentos de alteridade e currículo da diferença. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 27, n. 64, p. 145-168, maio/ago. 2026.

RANNIERY, Thiago; MACEDO, Elizabeth. Tudo roído por baixo, tudo ruído por dentro. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 27, n. 64, p. 38-66, maio/ago. 2026.

VIDELA, Carmen Glória Burgos. Pulsión creativa del currículum vívido desde la alteridad. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 27, n. 64, p. 169-193, maio/ago. 2026.